

Casas, património, civilização

Nomos versus physis no Pensamento Grego

Maria de Fátima Silva

Maria do Céu Fialho

Maria das Graças de Moraes Augusto
(coords.)

INTRODUÇÃO

Sob o título de ‘Casas, património, civilização. *Nómos* versus *phýsis* no Pensamento Grego’, o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH) da Universidade de Coimbra e o Programa de Estudos em Filosofia Antiga (PRAGMA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro integraram, no âmbito da 20ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra, mais um colóquio bilateral, o IV Colóquio PRAGMA-CECH. Esta reflexão conjunta, baseada em abordagens literárias e filosóficas, produziu um *corpus* de textos, capaz de retornar, com uma focagem multidisciplinar, a famosa antítese que animou amplas discussões desde a Antiguidade, com origem na Atenas clássica, uma época de luzes que havia de marcar todo o pensamento ocidental ao longo de milénios. Por isso, ainda que assumindo como ponto de partida os argumentos em que assentou, no passado, a discussão dos dois conceitos – *nómos* versus *phýsis* –, o espaço de reflexão se tenha aberto ao estudo da sua transmissão e recepção, reconhecendo a essa polémica uma indispensável diacronia.

O *nómos* consolida-se no pensamento grego antigo como um conceito que acompanha a própria socialização democrática e regulamenta as práticas individuais com vista a um convívio coletivo. A casa construída, que é o cenário para o quotidiano de cada família que a habita, como núcleo primeiro de um coletivo de casas e famílias que dá corpo e redimensiona a cidade, é olhada, à partida, como uma espécie de extensão elaborada da ‘natureza’ (*phýsis*), a progenitora da própria vida. Observar como o corpo cívico geriu e articulou dois conceitos – o da origem natural e o da experiência gregária do ser humano, face a essa mesma origem natural –, que embora parecendo destinados a harmonizar-se, não deixaram de fazer eclodir um contencioso em diversos graus, eis o que constitui, em síntese, a famosa polémica ‘*nómos* e *phýsis*’, que envolveu alguns dos filões centrais do pensamento antigo grego. Sendo que, para o Homem contemporâneo, a mesma polémica entre a sua origem natural e todos os passos civilizacionais, que fizeram dele o habitante de ‘muitas casas’, não perdeu pertinência.

Desses dias de reflexão conjunta surgiu a necessidade de registar agora, sob forma de um volume temático, os principais depoimentos. Olhado numa perspetiva cronológica, várias etapas no trajeto do pensamento grego tornam patente a maleabilidade com que sempre foi sentida a inevitável relação que existe entre cada indivíduo, com toda a sua carga elementar de ser da natureza, e o coletivo. Reflexão esta que, se se projeta dos Poemas Homéricos de um modo mais ou menos implícito, vai, com a evolução do pensamento helénico, ganhando foros de uma verdadeira disputa filosófica. É essa a índole por que é já abordada em plena época clássica, quer de modo simbólico, como é próprio da literatura – no caso a dramática com particular evidência –, quer de forma mais ‘teorizante’, ou filosófica, quando se trata dos diálogos platónicos, da *República* em particular.

O impacto causado pela abordagem clássica do tema, pela sua expressividade versátil, marcou toda a posteridade, desde a época que de imediato se lhe seguiu – a helenística – até à mais recente contemporaneidade. Por isso o testemunho dos cínicos, de Epicuro, de Plutarco e das Hipotiposes Pirrônicas pode abonar esse lastro de interesse e também de tradição com que, ainda no mundo antigo, os conceitos de *nómos* e *phýsis* prosseguiram a sua rota de esclarecimento e discussão.

Numa segunda parte, este volume passa a contemplar as marcas deixadas pela antiga discussão na modernidade, filosófica – e Gadamer é, neste caso, o nome de referência –, e literária. Dando aos estudos de recepção sobre a produção literária portuguesa o lugar em que eles se vêem afirmando, as diversas *Antígonas* que cruzam o tempo da ditadura em Portugal, e autores de referência como Bernardo Santareno, Vergílio Ferreira e Hélia Correia contextualizam *nómos* e *phýsis* num outro tempo e lugar – o de um país do extremo ocidental da Europa nos sécs. XX e XXI – onde as questões centrais que se colocam à Humanidade continuam candentes.

No seu conjunto, cremos que este volume representa uma contribuição inovadora e útil para uma reflexão nunca esgotada, a que confronta o individualismo ditado pela natureza com as condicionantes sociais com que o coletivo inevitavelmente confronta o ser social que é o Homem.

Maria de Fátima Silva
Maria das Graças de Moraes Augusto
Maria do Céu Fialho